

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Arruado do Engenho Velho:  
Território de Aprendizagem Socioambiental.

Raiza da Rocha Barbosa Xavier<sup>1</sup>  
Jaileila de Araújo Menezes<sup>2</sup>.

## Resumo

A presente pesquisa é um estudo de caso acerca da comunidade tradicional da Várzea do Capibaribe, enquanto um lugar de educação e sensibilização socioambiental, pois seu contexto de resistência, com modos singulares de existência e sua memória de luta pela permanência e conservação do seu espaço biodiverso, são símbolos da luta de muitas outras comunidades tradicionais - como indígenas e quilombolas, que promovem a consciência socioambiental a partir de seus modos de vida e histórico de luta. O presente trabalho tem como corpus analítico o uso de dois documentos sobre as memórias do território como suporte para uma educação socioambiental. O alerta que fica é sobre a necessária educação socioambiental para fortalecimento da rede em defesa da biodiversidade, dos movimentos sociais e os processos de investigação e fortalecimento das memórias da comunidade, de modo a não permitir o apagamento dos saberes, vidas e vínculos territoriais.

Palavras-chave: Arruado do Engenho Velho; educação socioambiental: memória e corpo-território.

---

<sup>1</sup> Discente do Centro de Educação da UFPE. raiza.rocha@ufpe.br

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação do CVentro de Educação da UFPE. jaileila.santos@ufpe.br

## 1. INTRODUÇÃO – A Serpente: memória e convite à educação socioambiental

Era uma tarde comum de céu azul, as nuvens esparsas. Eu vinha caminhando em direção ao Arruado, após ter um encontro reflexivo sobre meu corpo-território embaixo de uma goiabeira. Nesse dia, como em vários outros, o chamado para sensibilização e luta em defesa da natureza foi pauta do meu processo de autoconhecimento. Pois, preocupa-me os perigos socioambientais de projetos que promovam o desmatamento de biomas e aprofunde cada vez mais a crise climática e as desigualdades sociais decorrentes da guerra declarada à Terra e seus povos em benefício do desenvolvimento econômico, racista, classista e urbanista do sistema capitalista. A exemplo do projeto de construção de um Complexo Militar que pleiteia o desmatamento de mais de 200 mil árvores em cima da Bacia do Rio Catucá, que abastece o Sistema Botafogo, fonte de água para mais de 1 mi de pessoas só na Região Metropolitana do Recife. O perigo está no ar.

Ao chegar na casa que foi a antiga escola Barros Barreto da Usina Meio da Várzea/s.a. no início do séc. XX, encontrei uma cobra passando justamente pela porta, ela tinha cerca de um metro de extensão, era grande, mas eu não sabia sua espécie, se era ou não venenosa. A porta estava fechada, ela seguiu em frente. A observei e me observei. Me perguntava se havia perigo, não sabia como agir, observei o medo se movendo pelo meu corpo e os pensamentos que o acompanhavam. Mas enquanto isso, a cobra se movia sem apresentar perigo, mas procurando caminho. Meu medo era que ela entrasse em alguma casa, mas já não havia esse risco, o que ficava era o medo herdado de um discurso colonial acerca da cobra, que assim como ela, afasta a natureza e os animais silvestres para espaços cada vez mais restritos e poluídos. Chamei uma moradora da comunidade, ela chamou o vizinho e ele, com um pedaço de pau, matou a cobra.

Luto. Eu não o impedi, eu não sugeri que a levássemos para o mato, para ela seguir seu caminho de agente no equilíbrio biológico do território, ou procurar uma agência responsável pelo resgate de animais silvestres, para que ela continuasse a imprimir sua força pela sucinta mata do Arruado. Chorei, chorei muitas vezes. Eu, tão ativista das causas socioambientais, as pessoas da comunidade, criados naquele ecossistema, onde conhecem cada espécie e vivem integrados aos seus quintais pela memória da agricultura familiar e pela relação de afeto e conservação de sua biodiversidade, caímos no especismo com a falácia antropocêntrica de superioridade e auto suficiência humana. Claramente o perigo da cena aqui relatada não era a Cobra D'água, éramos nós, seres humanos, tão colonizados a ponto de não saber mais lidar com a biodiversidade dos nossos territórios, como também de cair no velho discurso colonial da serpente enquanto símbolo do mal.

A Cobra D'água é para mim hoje um símbolo do esmagamento social a que as outras espécies estão submetidas. Como também, a situação que as comunidades tradicionais que vivem na biointeração com os biomas estão sendo submetidas a ataques diretos à vida em seus territórios. Territórios indígenas, quilombolas, periféricos, entre outros, como o Arruado, remanescente de trabalhadores da Usina Meio da Várzea, sitiados e agricultores

locais, que tem sua história marcada pelas desigualdades provocadas pelo latifúndio. A monocultura do canavial que desmata a biodiversidade nativa e precariza as formas de trabalho, contabilizando sérios danos socioambientais.

O alerta que fica é a necessária educação socioambiental para fortalecimento da rede em defesa da biodiversidade, dos movimentos sociais e os processos de investigação e fortalecimento das memórias da tradição, de modo a não permitir o apagamento dos saberes, vidas e vínculos territoriais. O território apresenta um ecossistema e como me relaciono com ele? Me afasto e crio mais fronteiras? Por que a gente não é educado para a natureza? Por que a natureza nos causa medo? Que narrativas são essas que construídas classificam os perigos de quem pode viver e de quem pode morrer? Por que a urbanização e a vida na cidade operam com violência contra outras espécies? Muito triste ver a natureza pagar pela insensibilidade antropocêntrica e ganância desenvolvimentista. Me vi com a necessidade de ser educada socioambientalmente e a fortalecer as memórias, os saberes da comunidade, enfatizando a importância do vínculo de cuidado, respeito e defesa da biodiversidade, presente no meu e em outros territórios, partindo da biointeração e o envolvimento com a natureza que autores como Bispo (2021) e Krenak (2021) bem traduzem.

O envolvimento, defendido por Nego Bispo (2023, p. 14), é o contrário do desenvolvimento, o envolvimento conecta, dialoga, enquanto “a cosmofofia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade”. Bispo, quilombola do Piauí, traduz em palavras germinantes, ou conceitos a disputa de narrativas e cosmovisões colonialistas e contra coloniais, escancara os antagonismos dos sistemas de desenvolvimento e do envolvimento orgânico dos modos de vida tradicionais, de modo estratégico a fortalecer os territórios historicamente afetados pela modernidade/colonialista.

Nesse sentido, compreende-se que uma ação de proteção e fortalecimento da biointeração nos territórios, é aproximar-se da originalidade, é resgatar, fortalecer e comunicar as memórias e modos contra-coloniais de ser dos territórios. O Arruado do Engenho Velho, enquanto patrimônio arqueológico e histórico da humanidade, estando na rota dos engenhos de açúcar, é palco e testemunha dos conflitos e violências entre fronteiras étnicas. Habitado por povos originários, foi uma das primeiras terras a ser invadida pela colonização, o que ocorreu no fato da Várzea do Capibaribe e o Arruado em específico, serem lugares de muitas memórias, oficiais coloniais e memórias orais do saber popular dos povos afro-indígenas, agricultores, brincantes que construíram e, hoje, resistem em seu território.

Foi nessa pulsão de memória, luta por justiça social e fortalecimento comunitário, que foram realizados projetos de extensão na comunidade, com fins de trabalhar, investigar, dialogar e fortalecer as memórias locais através da História Oral para produção de registros da memória. As memórias da Comunidade do Arruado apresentam o suporte do território geográfico, pois a comunidade encontra-se na Várzea do Capibaribe a muitas gerações, com um sentimento de pertencimento e uma relação de conservação da biodiversidade local, pois faz parte das práticas sociais a memória e os saberes acerca de sua fauna e flora.

A presente pesquisa é um estudo de caso acerca da comunidade tradicional da Várzea do Capibaribe, enquanto um lugar de educação e sensibilização socioambiental, pois seu contexto de resistência, com modos singulares de existência e sua memória de luta pela permanência e conservação do seu espaço biodiverso, são símbolos da luta de muitas outras comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, que promovem a consciência socioambiental a partir de seus modos de vida e histórico de luta.

Dessa maneira, o presente trabalho tem como corpus analítico o uso de dois documentos sobre as memórias do território como suporte para uma educação socioambiental. Os projetos são: E o Arruado? Com o livro A Rua do Portal e o Livro Memórias e Saberes: Catálogo de Referências Culturais do Arruado do Engenho Velho. A análise dos trabalhos pautados nas memórias e na história Oral, são conduzidas a partir dos conceitos de educação socioambiental, militância socioambiental e a memória do corpo-território. Com o fim de organizar e refletir contribuições à educação socioambiental, em uma perspectiva contra colonial de uma docência comprometida com a justiça socioambiental e a defesa das Comunidades Tradicionais.

## 2. Categorias teóricas

### EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Vamos cuidar da geração neta porque ela é o futuro. Ela é o presente e o futuro, e nós estamos aqui para dialogar. O presente é o interlocutor do passado e o locutor do futuro. Temos que nos defender desta geração sintética e contribuir para que a nova geração também saiba se defender. (Bispo, 2023, p. 33)

A Emergência Climática põe a vida presente e as futuras gerações em riscos, em questionamentos se o amanhã é possível, pois a geração sintética apoiada no sistema capitalista, vem destruindo as fontes de vida de todos ecossistemas. A Revolução Verde, mineradoras, especulação imobiliária e outros empreendimentos modernos vêm marcando o antropoceno com o aprofundamento da crise hídrica, da perda de biodiversidade, aumento do efeito estufa e da fome no mundo (Shiva, 2006). A sistêmica desigualdade social faz com que os impactos desse sistema atinjam com mais violência as populações periféricas e tradicionais, indígenas, quilombolas, ribeirinhos. O Arruado sofre com constantes faltas d'água, realidade presente em outras partes da Região Metropolitana do Recife, onde a escassez hídrica e o calor têm se acirrado cada vez mais na grande metrópole.

Nesse contexto, de dados cada vez mais alarmantes acerca da temperatura global e previsões de seca geral, "ideias para adiar o fim do mundo" são sementes de esperança da vida na terra. A Educação Socioambiental, no séc. XXI, pode se dar em diferentes espaços, sendo formal, não formal e informal, mas como Paulo Freire (1996) nos ensina, a educação tem que estar bem ancorada na realidade do território, na conscientização e engajamento político diante dos conflitos socioambientais que os territórios enfrentam na luta por justiça,

dignidade e conservação de seu ecossistema, bem como das práticas culturais que sustentam a memória do vínculo orgânico e cultural da humanidade com os demais reinos da natureza (Bispo, 2023).

O movimento ambientalista da Salve APA Aldeia-Beberibe em Pernambuco, tem atuado incansavelmente nos alertas acerca dos perigos do desmatamento previsto no projeto do Complexo Militar, a ESA (Escola de Sargentos das Armas) que pretende desmatar mais de 90 ha de mata na APA Aldeia-Beberibe, maior fragmento de Mata Atlântica no estado, o que preocupa ambientalistas e toda a população, tendo em vista que a Área de Proteção Ambiental Aldeia-Beberibe possui uma riqueza hídrica com muitas nascentes da Bacia do Rio Catucá que necessita ser preservada, pois é a fonte do Sistema Botafogo, responsável pelo abastecimento de quatro cidades da Região Metropolitana do Recife, além de ser habitat de várias espécies.

O movimento socioambiental é parte da história de avanço da organização civil em defesa da natureza. Que academicamente, inicialmente, foi marcada por uma abordagem biologicista e depois, com perspectivas como a Ecologia Política (Leff, 2013), foi agregada às pautas sociais, ganhando a dimensão socioambiental de análise do total imbricamento entre a esfera ecossistêmica e aos modos de vida e produção sociais.

O movimento da Salve APA Aldeia-Beberibe é diverso e plural, tem se organizado em coletivo para comunicar as ameaças sofridas no território e defender a Mata Atlântica de Pernambuco. Observa-se que a educação ambiental, ou socioambiental, encontrou na militância ambientalista o espaço de exercício, o que nos leva a compreender a íntima relação entre educação socioambiental e movimento social, pois andam coligados. Grupos de trabalho foram formados no coletivo, em que cada integrante do movimento foi se vinculando e assumindo trabalhos conforme seu campo de atuação. O processo de construção coletiva com um fim socioambiental mostrou potência em processos de organização civil, gestão democrática e de vínculo participativo e afetivo de pertencimento ao ecossistema que sustenta às vidas do território.

A ecologia política trouxe a contribuição das ciências humanas e sociais para a reflexão e o debate ecológico que, até então, eram pautados por leituras biologicistas e despolitizados dos problemas ambientais. Procura, justamente, incorporar aqueles elementos que os olhares disciplinares deixavam fora da análise como: os modelos de desenvolvimento econômico-social, os interesses e conflitos de classe, os padrões culturais e ideológicos e as injunções políticas dominantes na sociedade (Lima, 2009, p. 147).

A ES, nesse sentido, utiliza ferramentas e recursos que visam a construção do conhecimento da complexidade e abrangência que envolve a questão ambiental, refletindo, pois, os vários níveis das relações das pessoas entre si, com a natureza e o espaço que habita, o que nos convida a considerar as inúmeras dimensões do problema ecológico. Visa a sensibilização, em que a arte-educação socioambiental é uma linguagem importante na formação integral do educando (Pequeno, 2016). A construção pedagógica da ES está diretamente ligada à realidade do território em que vai se dar o processo educativo, pois acontece, como já dito, comprometida com a realidade local, considerando as condições de

vida da população local, como também das populações de outras espécies. Como está a natureza do território? Quais os conflitos presentes em defesa das memórias ancestrais e da biodiversidade?

O grave cenário climático planetário reitera a necessidade de práticas pedagógicas que se articulem à defesa dos direitos socioambientais, que tem na Constituição de 88 o importante marco do direito ao ambiente sadio como fundamental e autônomo, mas que enfrenta constantes ameaças e ataques frente a perspectiva desenvolvimentista da geração sintética, como nos alerta o Bispo (2023).

Nesse contexto, perguntas como: O que significa educação socioambiental na minha experiência? Quais forças atuam nesse campo? Quem são os envolvidos? E quais ferramentas ou recursos eu poderia usar para trabalhar essa abordagem? Como a memória local pode ser um caminho de mapeamento da história e defesa socioambiental? Essas questões ajudam a entender a educação socioambiental no contexto do presente estudo de caso do Arruado enquanto um território de aprendizagem socioambiental. Pois, na pesquisa acerca da história da educação ambiental, vemos seu início atrelado aos movimentos sociais ambientalistas, movimentos indígenas e quilombolas, que sempre estiveram lutando em defesa da biodiversidade e que compreende a codependência entre espécies.

A educação socioambiental nasce, portanto, do contexto de luta em defesa dos territórios vulnerabilizados pela presença e assédio dos empreendimentos modernos/coloniais. Visa a criação e fortalecimento de mecanismos de defesa territorial, de conscientização da natureza e seus serviços ecossistêmicos dos quais a humanidade depende. Ailton Krenak (2017), escritor ambientalista e filósofo, conceituou o antropoceno como capitaloceno, para especificar a responsabilidade que recai sobre o capitalismo dos impactos e danos causados à terra e que já deixam a cicatriz de uma Era Geológica.

A educação Socioambiental acontece nas trincheiras territoriais, em movimentos sociais alinhados às culturas tradicionais em defesa da biodiversidade a que tem uma relação de pertencimento. A conservação da biodiversidade no contexto de comunidades tradicionais é inerente à preservação da própria identidade desses povos, dos seus saberes e memórias ancestrais atreladas à natureza local. A escolha da palavra socioambiental como fundamento visa o olhar atento aos atravessamentos sociais e ecológicos visando o equilíbrio ambiental e a conservação dos biomas e das tradições culturais vinculadas ao manejo saudável do ecossistema.

Na minha formação enquanto educadora, foram as comunidades tradicionais e movimento ambientalista, como a Colônia de Pescadores Z 25, o Quilombo Indígena de Conceição das Crioulas, o Arruado do Engenho Velho, o movimento Salve APA Aldeia-Beberibe e a Frente Artística pelo Clima, que enquanto espaços de educação não formal e informal, me ensinaram que a educação socioambiental é um dispositivo de formação em defesa da vida, das memórias ancestrais e dos saberes tradicionais, ligados à realidade política, em que interesses socioeconômicos da modernidade colonial eclodem na disputa de interesse sobre a riqueza dos biomas. Nesse sentido, é correto afirmar que a ES (educação socioambiental) é em essência contra-colonial, como afirma Bispo: “O contra colonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contra colonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo” (2023, p. 37).

O que nos faz lembrar Paulo Freire (2005), que alerta que a docência não deve se dar por um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno de uma realidade. A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos indivíduos empenhando-se na luta por sua libertação. E tem que ter nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente a compreender-se oprimidos. É nessa perspectiva, que o presente estudo de caso analisa documentos produzidos a partir da memória da história local, na tentativa de os sujeitos do território refletirem a si e seu território dentro do contexto de violência e opressão sofridos, com impacto direto às pessoas e a biodiversidade local, que percorre já mais de um século, encontrando suas raízes no período colonial.

É nesse sentido, que a educação socioambiental começa pela retomada e descobrimento da farsa colonial sobre a história do Brasil. Nas terras originariamente chamadas de Pindorama, ocupada por diversos povos indígenas e que ao ser invadida e não descoberta em 1500, dá-se início a séculos de opressão, desmatamento e diversos outros tipos de violências e conflitos. Os núcleos de resistência à colonização se deram na confluência de saberes interétnicos que estão na raiz da formação dos quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas (Bispo, 2023). Essa relação histórica é necessária e presente, pois os conflitos socioambientais encontram fronteiras étnicas e de classe, o que aponta a necessário fortalecimento das identidades afro-indígenas, do campo, ribeirinhas e demais modos de vida que resistem à supressão capitalista. A ES se dá nesse campo de forças entre diferentes cosmovisões, entre fronteiras.

De um lado da fronteira, encontramos hoje o neoliberalismo com seus interesses mercadológicos de privatização dos bens comuns orientando seus investimentos a obtenção de lucros econômicos sem considerar os impactos socioambientais produzidos e o agravamento da desigualdade social. A perspectiva desenvolvimentista que desconecta da natureza e a conceitua enquanto mera matéria prima, matéria bruta do capital, entende os biomas a partir das “monoculturas da mente, que fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo” (Shiva, 2018, p. 15). Como, também, se expressa através do alargamento da interferência de grandes empresas no âmbito público a benefício privado.

Do outro lado da fronteira, as Comunidades Tradicionais, são “designados genericamente vários grupos que se distinguem culturalmente do restante da sociedade brasileira por seus modos de vida e relações particulares com o meio ambiente e as terras que tradicionalmente ocupam (por posse ou propriedade)” (Nogueira, 2021, p. 603). Que nos ensinam a relacionar-se com o ecossistema de maneira equilibrada, a construir o vínculo de pertencimento, bem como a defender a biodiversidade. Os movimentos sociais e as populações tradicionais, como indígenas, quilombolas, caiçaras, extrativistas, entre outros, são ameaçados constantemente por investidas de grandes empresas com apoio do Estado para exploração nos territórios, como o agronegócio, a mineração e a especulação imobiliária, o que nos faz compreender a Educação Socioambiental como espaço de alinhamento e defesa às memórias, saberes e modos de vida ancestrais.

### **“Água é vida” e a Militância Socioambiental**

Ativismo e militância são dois conceitos que se confundem e requerem análise crítica acerca de suas especificidades e fronteiras, o que não é o objetivo do presente trabalho. Mas, a partir das leituras, pode-se compreender que o ativismo tem uma estrutura mais flexível e dinâmica, sem haver necessariamente aprofundamentos teóricos e implicações políticas. Enquanto a militância apresenta maior organização, visa a insurgência política, podendo haver associação partidária ou não, mas encontra-se conectada às questões macrossociais, sem se reduzir a uma situação específica (Jensen, 2019). Nesse sentido, compreendo que a militância consiste no movimento de amadurecimento e engajamento político por uma causa comum, que entende o contexto de luta de classes, raça, etnia, gênero, entre outras questões que atravessam a causa considerando sua amplitude e complexidade.

O Arruado enquanto um território de aprendizagem socioambiental não tem, ainda, um movimento social bem organizado e articulado, mas encontra-se em processo e que por muito tempo foi silencioso e silenciado. A comunidade sofreu no ano de 2025 com graves faltas de água, chegando a contabilizar mais de meses sem acesso a esse bem comum e necessário à vida e dignidade humana, tendo que se deslocar a prédios vizinhos da Universidade para carregar recipientes, o que obviamente era insuficiente e agravou o estado de vulnerabilidade da comunidade e acirrou o estado de crise, levando a comunidade a se movimentar e se organizar na busca da resolução do problema hídrico.



Figura 1: Foto da entrada da comunidade do alto do prédio do CTG/UFPE. Ao lado direito vê-se o prédio de Petróleo e Gás da UFPE, em que na lateral próxima ao prédio tem a torneira na qual a população fazia o próprio abastecimento e ao lado esquerdo a mata verde dos quintais do Arruado. Fotografia: Victor Inojosa, 2023.

Reuniões da comunidade foram realizadas em busca de ações para reivindicar o acesso à água e o diálogo com a Universidade. Nessas reuniões, muito foi discutido sobre as potências e problemas locais, sobre a história do lugar, conflitos e relações hegemônicas que atuaram no desenho atual da comunidade. Um ponto alto das reuniões foi a eleição de representantes comunitários, fortalecendo o sentimento de pertencimento, representatividade e organização interna. A ação da comunidade, com o Memorial Arruado e o Neafi (núcleo de ações afirmativas), obtiveram sucesso, conseguindo estabelecer pontes de diálogo com a reitoria e a ETA (estação de tratamento de água), bem como ativou os agentes internos na resolução do problema. A comunidade continua a enfrentar vulnerabilidades decorrentes do processo de gentrificação verde da urbanidade (Torres, 2019), mas esse episódio da luta comunitária mostrou que a organização social e a militância apresentam ações efetivas.

O ativismo socioambiental entra, nesse contexto, enquanto realidade vivida pela comunidade, que tem a luta política como parte inerente de sua existência e resistência, apresentando limitações resultantes de séculos de racismo ambiental sofrido. A comunidade que está localizada no centro da Universidade, mas vive à margem da mesma, com diversas pessoas analfabetas, encontra seus fundamentos de luta na proteção e conservação de suas casas, memórias, saberes e biodiversidade, dimensões inerentes à identidade da comunidade, que tem a maior parte de sua extensão territorial ocupada pelo verde dos quintais.



Figura 2: Arruado de casas do caminho arqueológico e as árvores dos quintais ao fundo. Foto de Víctor Inojosa, 2023.



Figura 3: Fotos das casas antes das modificações, com o grupo que movia o coco de roda no território. Agachado, com a zabumba, o mestre Zé Lascavara, e Isaac Rocha, brincante tradicional da Várzea.

As repercussões teóricas e políticas do movimento comunitário podem não atender a expectativas do conceito de militância posta pelo sociólogo Karl Jensen, mas atuam em movimentos e fricções que vão transformando, empoderando e expandindo o tecido comunitário. Estudantes, professores e outros acadêmicos se aproximam da comunidade e abraçam, identificam-se com a luta, atuando como agentes, amigos e militantes do território. O presente trabalho é resultado justamente desta ponte entre comunidade e Universidade, em que a minha passagem, assim como a de outros estudantes, pela comunidade reverberou na criação, valorização e resgate dos artefatos históricos, culminando em projetos em defesa e valorização da comunidade, com sua biodiversidade e práticas ancestrais.



Figura 4: Mapa afetivo construído no território antes da Universidade a partir das memórias da comunidade fomentado por um projeto de extensão. Foto de Victor Inojosa, 2023.

Atualmente, no ano de 2025, está acontecendo a Jornada de Alfabetização de Jovens e Adultos na comunidade, com a metodologia cubana Sim, Eu Posso! promovida pelo Projeto Mãos Solidárias do Movimento Sem Terra. A alfabetização entra como reparação histórica e como mais uma ação de militância estratégica em defesa e fortalecimento comunitário. Desse modo, podemos compreender que a militância socioambiental no contexto comunitário passa por diferentes momentos e propósitos, podendo ser de luta, diálogo e ação direta às instituições hegemônicas que se encontram nas fronteiras, como, também, se dá através de movimentos internos, de formação, aproximação e fortalecimento de afetos internos, que preparam bases para atuação política.

### **Memória e Corpo-Território: Fundamentos para uma Educação Socioambiental.**

A memória é elemento fundante da identidade individual e coletiva, sendo suporte de compreensões sobre si, sobre o grupo a que se pertence e sobre o território vivido. Segundo Halbwachs (apud Schmidt, 1993), a memória individual é atravessada pela memória coletiva, constituída por referências históricas, culturais e simbólicas que moldam os sujeitos em suas relações com o mundo. Pierre Nora (1993) aprofunda essa perspectiva ao conceituar os “lugares de memória” como espaços materiais e simbólicos onde a memória social se ancora e se expressa, revelando identidades e vínculos afetivos com o território.

No contexto das comunidades tradicionais, como o Arruado do Engenho Velho, a memória se manifesta como prática viva, atravessando corpos, saberes e paisagens. A memória do

roçado, das festas populares, dos quintais e das práticas de cuidado com a biodiversidade são exemplos de tecnologias ancestrais que sustentam a identidade comunitária e fortalecem os vínculos entre corpo e território. Essa articulação é o que se denomina corpo-território: uma concepção que reconhece o corpo como território primordial, afetado por marcadores sociais de gênero, raça, etnia e classe, e que se conecta organicamente à terra como extensão de sua existência.

Autores como Haesbaert (2020) e Vandana Shiva (2006) contribuem para a compreensão do corpo-território a partir de abordagens latino-americanas e ecofeministas, que denunciam a violência sistêmica sobre os corpos racializados e femininos, assim como sobre o corpo da Terra, explorado e expropriado por sistemas patriarcais e capitalistas. Essa perspectiva revela que os mesmos mecanismos de dominação que atuam sobre os corpos humanos operam também sobre os territórios, promovendo a desconexão entre os sujeitos e os ciclos ecológicos que sustentam a vida.

No caso do Arruado, localizado na Várzea do Capibaribe, a relação com a biodiversidade se expressa na conservação de espécies nativas como o Caju Roxo, a Aroeira e o Jenipapo, que atravessam a memória alimentar, medicinal e espiritual da comunidade. Os documentos analisados — *A Rua do Portal* e o *Catálogo de Referências Culturais* — revelam como a memória é mobilizada como ferramenta de educação socioambiental, resgatando histórias de resistência, práticas de cuidado com o território e saberes intergeracionais que fortalecem o vínculo entre corpo e terra.

A memória, nesse contexto, é instrumento de luta, de denúncia do racismo ambiental e de afirmação da identidade afro-indígena da comunidade. Ela comunica os saberes não hegemônicos, preserva as tradições e convoca os sujeitos à ação política em defesa de seus territórios. Como afirma Nego Bispo (2023), o corpo é o primeiro território, e o envolvimento com a terra é caminho contra-colonial de resistência e cuidado. A educação, portanto, deve reconhecer esses saberes como legítimos e fundamentais, incorporando-os aos currículos de formação docente como parte de uma pedagogia engajada com a justiça climática e socioambiental.

### 3. Breve apresentação histórica do Arruado do Engenho Velho



Figura 5: Placa da entrada do território, a data de fundação inscrita na mesma diz respeito a data do documento mais antigo da comunidade no local, que é de uma certidão de casamento de 1870.

O Arruado do Engenho Velho, localizado na Várzea do Capibaribe, em Recife, é uma comunidade tradicional que resiste como testemunha viva da história colonial, da cultura popular e da biodiversidade local. Composto por duas ruas de casas conjugadas e extensos quintais, o território guarda registros arqueológicos e memórias que atravessam séculos, desde a ocupação originária até os impactos da urbanização moderna. O cotidiano da comunidade é marcado por cenas que evocam o passado rural: crianças brincando na rua, patos e galinhas circulando livremente, roupas estendidas nos varais e o cheiro de terra molhada após a chuva. Esses elementos compõem uma paisagem afetiva e simbólica que comunica a identidade do lugar.

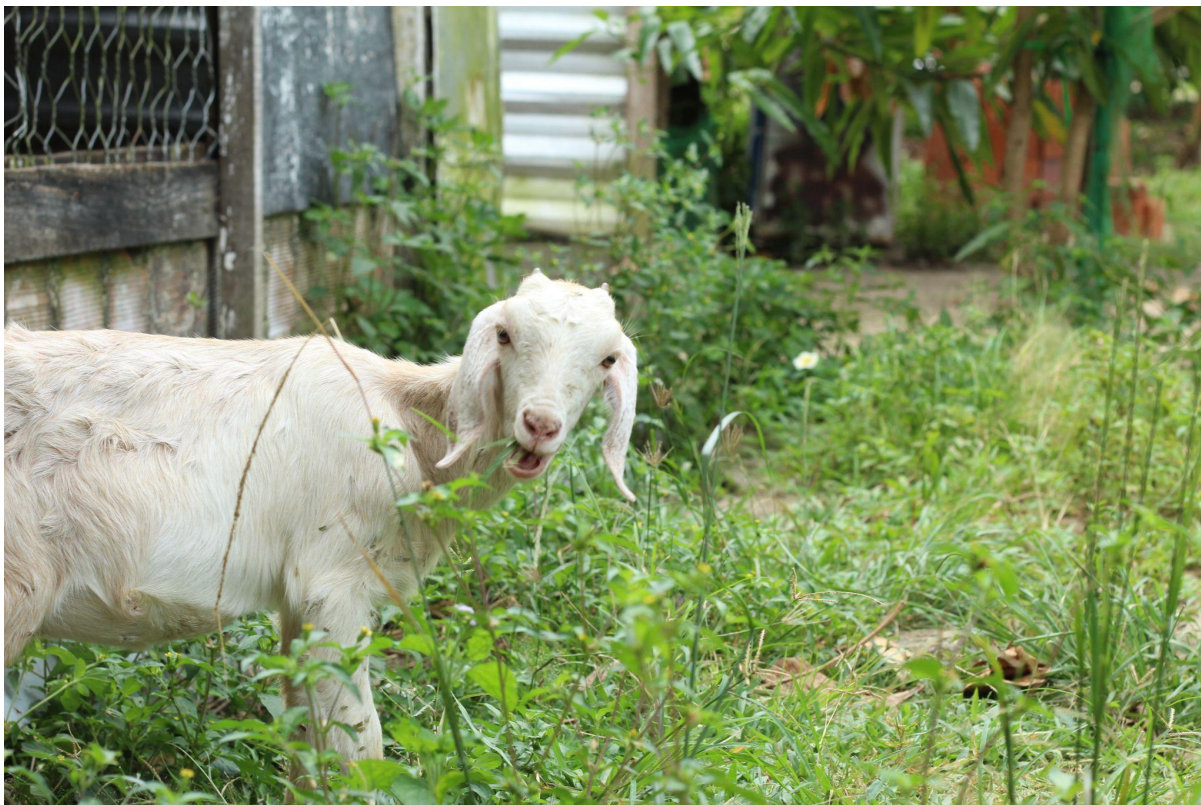


Figura 6: Cabra criada por um dos moradores da comunidade que tem práticas do campo em sua identidade, como a criação de animais e o cultivo de plantas medicinais e alimentícias. Foto de Victor Inojosa, 2023.



Figura 6: Gengibre plantado por Dona Betânia, uma das matriarcas da comunidade e guardiã dos saberes do uso medicinal das plantas. Foto de Victor Inojosa, 2023.

A experiência da pesquisadora-moradora neste território revela a diferença entre estar no território e ser do território. Inspirada por Geertz (1997), que propõe o dilema entre “estar lá” e “estar aqui”, a vivência no Arruado ultrapassa a observação externa e se enraíza na convivência, no afeto e na reivindicação identitária. Enxertar-se no território é reconhecer-se como parte dele, como corpo que carrega e é carregado pela memória coletiva.

Historicamente, o Arruado foi invadido no início da colonização por seu solo fértil e localização estratégica na rota do açúcar. O Engenho do Meio, que prosperou à custa do escravismo, foi transformado em Usina em 1904, e posteriormente, em 1948, deu lugar à Universidade Federal de Pernambuco. Essa transição impôs rupturas profundas: famílias foram removidas, roçados destruídos e o modelo de subsistência baseado na agricultura familiar foi substituído pela urbanização. O arruado, no entanto, permaneceu como núcleo de resistência, guardando os vestígios da Casa Grande, hoje ruínas investigadas pelo curso de Arqueologia da UFPE, e o monumento de Fernandes Vieira, escravagista e figura histórica da colonização.



Figura 7: Placa presente na estátua de Fernandes Vieira onde localizava-se a Casa Grande. Foto de Victor Inojosa, 2023.



Figura 8: Casa Grande do Engenho do Meio no século XX. Fonte: Alexandre Bérzin, cerca de 1930 - 1940, acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

A memória oral da comunidade resgata vivências de trabalho nos canaviais, festas juninas com fogueiras e forró e o cotidiano marcado pela luta por direitos básicos, como o acesso à água. A frase “água é vida”, repetida nos encontros comunitários, sintetiza a realidade local em que reconhece os recursos naturais como bens preciosos em suas vidas, como também reivindica a urgência no acesso aos serviços públicos de qualidade, parte do enfrentamento ao racismo ambiental e estrutural da modernidade.

A maior parte dos lares, se não quase todos, são regidos por mulheres que preservam saberes sobre ervas medicinais, alimentação e cuidado com a terra.



Figura 9: mão da Senhora Elizabeth, anciã da Comunidade, no tronco do Pé de Jenipapo, do qual conserva a tradição do Licor de Jenipapo segundo a receita de sua avó, que colhia desse mesmo pé. Foto arquivo pessoal da autora.



Figura 10: Autora e Dona Bete em um dos passeios por seu quintal percorrendo as memórias e os saberes locais. Foto de Victor Inojosa, 2023.

O trabalho do professor Luís Severino (2017) foi fundamental na identificação do patrimônio arqueológico do território, revelando estruturas como poços, trilhos e caldeiras que distinguem as fases do engenho e da usina. Esses elementos reforçam o caráter histórico do Arruado como espaço de memória material e simbólica. Em 1996, o IPHAN reconheceu o território como patrimônio arqueológico, e em 2023, o IBRAM o registrou como Ponto de Memória, resultado da mobilização comunitária e acadêmica.

A luta atual da comunidade envolve o reconhecimento territorial, a proteção da fauna e flora, e o resgate do Riacho Cavouco, hoje transformado em canal de esgoto. O sonho de vê-lo limpo e vivo expressa o desejo de reconectar-se com as águas e toda a biodiversidade que sustenta o modo de vida local. Por suas características ancestrais e vínculos com a natureza, o Arruado é reconhecido como comunidade tradicional, conforme Nogueira (2021), que define esses grupos como portadores de modos de vida singulares e relações profundas com os territórios que ocupam.

Os quintais, espaços de cultivo, memória e afeto, são extensões do corpo-território, conceito que articula identidade, ancestralidade e resistência. Como afirma Nogueira (2023), o sentimento de pertencimento é nutrido pela memória do processo de ocupação, pelo apego às paisagens e pela familiaridade com os elementos que constituem o lugar. No Arruado, essa familiaridade é vivida e transmitida entre gerações, fortalecendo a luta por dignidade e justiça socioambiental.

O corpo-território é profundamente marcado pelo legado do roçado e da cultura popular, como a Boneca da Cangaroa, um brinquedo popular nascido nos roçados do Arruado. Que com música e bom humor encantavam a prática da agricultura familiar, na época base econômica da comunidade, onde se plantava macaxeira, feijão, milho, amendoim, hortaliças, flores, entre outras espécies frutíferas, medicinais. Eram a base alimentar da população, que vendia seus excedentes nas feiras, como a Ceasa e a feira do Engenho do Meio.

Sr. Luiz Eurico, mais conhecido como Lula, é cronista e compositor e tem dois blogs onde muito documenta histórias e causo do Engenho Velho, numa de suas postagens ele apresenta um coco escrito por ele sobre a Tanajura, que arremata jovens e velhos na comunidade para sua caça. A moradora Marly, uma das matriarcas da comunidade, explica como são os dias de Tanajura. Fortes tempestades e sol no outro dia, é certo que as Rainhas vão sair do formigueiro e as famílias vão correr com alegria na seguindo a tradição intergeracional da vida no território.

Seu Lula em seu blog<sup>1</sup> comenta: “De tempos em tempos, o voo das rainhas das saúvas, faz a festa dos moradores do campus, remanescentes dos agricultores que aqui plantavam suas hortaliças, até meados de 1970.” (2020)

Letra do coco de roda da Tanajura (2020):

Cai, cai, tanajura!  
Tua mãe tá na Imbura!  
Cai, cai, tanajura!  
Tua bunda tem gordura!

Cai, cai, tanajura!  
Tua mãe tá na Imbura!  
Cai, cai, tanajura!  
Tua bunda tem gordura!

Quando os cibito avoa  
pra alimentar a rainha  
e na tarde do Arruado  
chove uma chuva fininha

Começa um sapateado  
em redor do formigueiro  
que finda à boca da noite  
quando acende os candeeiro

As criança se alegram  
da cozinha vem um cheiro  
estala o forno de lenha  
dá pra se ouvir no terreiro  
e um cheiro bom na vizinha:

Tem tanajura no fogo!  
Tem gente assando a rainha!

Cai, cai, tanajura!  
Tua mãe tá na Imbura!  
Cai, cai, tanajura!  
Tua bunda tem gordura!

Cai, cai, tanajura!  
Tua mãe tá na Imbura!  
Cai, cai, tanajura!  
Tua bunda tem gordura!

## METODOLOGIA

O artigo *Arruado do Engenho Velho: território de aprendizagem socioambiental* é um estudo de caso da comunidade remanescente do engenho e da usina, enquanto um espaço de educação não formal e informal, através de projetos de extensão realizados no local, bem como a partir da própria dinâmica comunitária enquanto campo fértil de diálogo e aprendizagem intergeracional. A investigação da sua singularidade e complexidade do vínculo social com a biodiversidade local, visa contribuir e subsidiar conhecimentos acerca da educação socioambiental. O estudo de caso, a partir de uma abordagem qualitativa, segundo Severino (2014), favorece a análise holística, ou seja, a leitura do território em sua

totalidade, considerando sua história, identidade e múltiplos aspectos e interações que revelam os conflitos socioambientais vivenciados nos modelos de urbanidade.

O presente estudo de caso de cunho exploratório e explicativo, parte da apresentação histórico-cultural do território como forma de contextualizar e visibilizar a realidade e as lutas da comunidade, considerando o fato de não haverem muitas bibliografias disponíveis. O artigo apresenta, ainda, a análise documental de dois projetos de extensão realizados na comunidade ao longo da minha graduação, entre os anos de 2019 e 2024, em que a memória, saberes e tradições locais são tema central da pesquisa. Os documentos são fontes valiosas para a reconstrução e compreensão dos fenômenos sociais e educativos da comunidade do Arruado e tem como busca central nos documentos, os atravessamentos que coadunam com as categorias conceituais da **educação socioambiental**, o **ativismo socioambiental** e o conceito **corpo-território**.

Na presente pesquisa, a análise documental constitui uma etapa fundamental da metodologia, permitindo o aprofundamento crítico sobre os registros produzidos no território do Arruado do Engenho Velho. A partir de uma abordagem qualitativa, os documentos selecionados — como o livro infantojuvenil *A Rua do Portal* e o catálogo *Memórias e Saberes* — são examinados como fontes históricas e pedagógicas que expressam a memória coletiva, os saberes ancestrais e os vínculos entre corpo e território. Essa análise considera não apenas o conteúdo dos textos, mas também seu contexto de produção, intencionalidade, natureza de circulação e gênero textual, buscando compreender como esses materiais contribuem para a educação socioambiental e para a formação docente comprometida com a justiça territorial. Ao valorizar a história oral e os registros comunitários, a análise documental revela os atravessamentos entre memória, identidade e resistência, posicionando os documentos como instrumentos de salvaguarda cultural e ativismo pedagógico.

A Comunidade do Arruado, como campo de aprendizagem socioambiental, é um símbolo de luta e resistência em defesa dos seus modos de vida e da biodiversidade de seu território frente aos avanços dos modos hegemônicos de urbanidade. Nesse sentido, o artigo a partir da apresentação histórico cultural e da análise dos documentos produzidos no território, visa organizar contribuições e reflexões à educação socioambiental, entendendo esta como fenômeno que atravessa os contextos formais, não formais e informais de educação, mas que se localiza nas fronteiras de territórios de resistência em defesa dos direitos socialmente e ambientalmente vulnerabilizados historicamente.

#### QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE

| Título do documento   | autoria                    | Ano de publicação | Resumo da obra                                                        | Órgão de financiamento                           |
|-----------------------|----------------------------|-------------------|-----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| Livro A Rua do Portal | Raíza da Rocha e Beth Cruz | 2020              | Livro infanto-juvenil que conta a história da comunidade passando por | Editais de Apoio à Pesquisa em Criação Artística |

|                                                               |                             |      |                                                                                                                                                                           |                                                                        |
|---------------------------------------------------------------|-----------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
|                                                               |                             |      | diferentes tempos históricos, como o engenho, a usina e a chegada da Universidade, sendo atravessado por um festejo do Dia de Reis com o Pastoril.                        | PROExC– UFPE, 2019.                                                    |
| Catálogo de Referências culturais do Arruado do Engenho Velho | Ana Emília e Raíza da Rocha | 2023 | Livro que organiza narrativas e saberes da comunidade, desde uma perspectiva histórica como também da tradição oral protagonizada por 5 mulheres matriarca da comunidade. | EDITAL 2022-07 PIBEXC DE APOIO FINANCEIRO PROGRAMAS PROJETOS EXTENSÃO. |

## 2.2 Resgate da memória de projetos vivenciados na graduação na UFPE

Os projetos em análise foram realizados ao longo da minha graduação, tendo como orientadora a Profª Ana Emília Castro do departamento de design, que desenvolve projetos de extensão na comunidade desde 2014. Seu trabalho é muito significativo na construção de justiça social e reparação histórica da Universidade para com a comunidade, que passou décadas invisibilizada. Os projetos e ações como a inscrição da comunidade como Ponto de Memória pelo IBRAM, vêm fortalecendo a comunidade e sua representatividade diante da comunidade acadêmica.

Os projetos escolhidos para análise foram: E o Arruado? A provocação que gerou o livro infantil-juvenil A Rua do Portal e o Catálogo de Referências Culturais do Arruado do Engenho Velho: Memórias e Saberes. Os respectivos projetos têm como palavra-chave: memória! A memória enquanto fonte histórica e identitária. No entanto, o presente projeto tem como intenção investigar o território e esses materiais como suporte de uma educação socioambiental. Sendo assim, as categorias de análise, são: contribuições à formação docente numa perspectiva socioambiental, o que vamos reduzir para **Educação Socioambiental; militância socioambiental e memória e corpo-território.**

Categorias de análise:

O que você localiza de ativismo socioambiental?

O que você localiza de referência à biodiversidade?

O que você localiza de contribuição a formação docente?

Localizar o gênero textual  
Natureza de circulação do documento  
O período histórico de sua produção.

Análise do texto (conteúdo), o contexto (momento histórico de produção) e intencionalidade (qual o público alvo do documento).

- **Projeto E o Arruado? Livro A Rua do Portal**

Projeto de extensão com começo em 2019 e execução em 2020. Realizado durante a pandemia, o que comprometeu o processo imersivo e o contato com os moradores, culminando no desafio de se fazer um projeto de extensão à distância. Este foi o meu primeiro projeto na comunidade, no 2º período da graduação com o resultado da escrita do livro infanto-juvenil sobre a história do Arruado, passando por suas principais fases históricas: Engenho do Meio, período colonial; período da Usina, início do séc. XX e a chegada da Universidade, segunda metade do século XX. A escolha de construir a narrativa a partir desses períodos históricos se deu pela necessidade de compreensão acerca das mudanças históricas que constituíram a comunidade e saber ler os artefatos históricos e arqueológicos do lugar, bem como criar instrumentos de memória para a comunidade, a Universidade e demais públicos compreenderem o valor histórico revelado pelo caminho secular do Arruado.

#### **Análise à luz da Educação Socioambiental:**

O livro que se chama A Rua do Portal, inicia com a **abertura do portal por duas árvores**. A escolha simbólica de serem duas árvores abrindo o livro e o portal, tem a dizer o reino vegetal enquanto agente da transição e diferenciador entre mundos, como porta de acesso à comunidade, o que tem tudo a ver com a realidade. Considerando que a chegada à comunidade é marcada justamente por suas grandes árvores, pois o bem precioso conservado pela comunidade é a sua biodiversidade.

**“Fizeram da nossa terra, latifúndio e da nossa gente, escravizada. Lutaram bravamente em defesa de suas vidas e de seu território.”**

**“O povo lutou muito, a resistência começou junto com a escravização, foram muitas rebeliões em defesa da liberdade, muitos negros fugiam e se reuniam nos Quilombos.”**

O livro introduz conceitos que estão no campo da história, geografia e sociologia, revelam os conflitos socioambientais e étnicos sofridos no território que se construiu o Brasil. O livro busca desmistificar a narrativa de descobrimento do Brasil, da colonização como parte do progresso e revela não só a dor, mas a força das populações afro-indígenas na resistência contra a opressão colonial.

**“Para produzir o açúcar, especiaria valiosa, primeiro, o solo precisa estar fértil. Chamamos nosso solo de massapê e é ideal para plantar e colher.”**

Abordar o produto, que é o açúcar, ou qualquer outro alimento, pela sua origem com o solo e a atividade agrícola envolvida, é um importante procedimento metodológico para a educação socioambiental, pois a modernidade e a industrialização operaram na desconexão entre a fonte, o processo e o alimento. Sendo necessário reconstruir a consciência de onde vem o alimento, o trabalho e a cultura, como também revelando as

bases e os conflitos sociais envolvidos. Como, por exemplo, quando no livro fala das pessoas negras cantando enquanto trabalhavam:

Gira, gira moenda  
Gira, gira mundo  
Vamos amassar  
A cana em segundos

O “gira mundo” traz uma sensação bucólica, saudosa da terra natal do povo afro diaspórico, a música poderia continuar e falar não só da labuta de moer a cana, mas trazer uma denúncia acerca da violência colonial. Como:

Gira, gira moenda  
Gira, gira mundo  
Vamos derrubar  
O latifúndio.

No processo pedagógico, é interessante usar o mote do “Gira, gira moenda / gira, gira mundo” e com os estudantes, inventar novos fins dialogando com o contexto da história.

**“São os caminhões que seguem carregados de cana e de trabalhadores rurais para a monocultura da cana de açúcar e para a usina.”**

O livro aborda, ainda, as novas configurações da colonização, que continuam a atuar de maneira violenta sobre os povos, denunciando as usinas como novos centros de trabalho neocolonial, escravagista e desmatamento, configurando em mais injustiça socioambiental que culminam na presente crise climática.

**“Até hoje a jaqueira cresce aqui na Várzea como símbolo da vitória.”**

O livro “Várzea – lembranças de um tempo que se foi” do Sobrinho Jr. conta a história de Sinhá Feliciano que plantou um caroço de jaca no bairro da Várzea no dia que soube da Lei Áurea. Essa memória retrata como as relações humanas, a memória e a história são atravessadas pela biodiversidade local. Demonstra, também, como as árvores e outras espécies não falam, mas são suporte de muita história, sombra de muitas memórias.

Análise à luz da **Militância Socioambiental:**

**“Pássaro preto organiza o repertório para a festa.”**

A escolha de um pássaro para organização do repertório da festa faz lembrar o som da mata, preenchido pelo som de diferentes pássaros que fazem a festa ao amanhecer e em outros horários do dia. Na floresta, quem canta são os pássaros. No livro o pássaro voa livre pelo orum, céu em iorubá, um apelo também contra a cultura de pássaro em gaiola, ainda presente na comunidade. A cor do pássaro também foi intencional, a cor preta é em exaltação a cor preta, negra, protagonista de honra do território contra todos os vestígios de racismo ou desvalorização da cor preta.

**“Dona Epifânia: para falar do doce da cana, tenho que falar do amargo período colonial.”**

Dona Epifânia enquanto anciã da comunidade, é responsável pela transmissão das memórias e saberes da comunidade aos mais novos, como também responsável pela formação crítica sobre a história local. Nesta parte ela fala sobre o doce da cana, mas não deixa de fora o contexto do trabalho escravagista no canavial, assume uma postura

contra-colonial (Bispo, 2023).

**“A Usina: o amargo doce da cana.”**

**“A cidade universitária: para quem?”**

O título dos capítulos do livro traz alfinetadas críticas, reflexões que militam contra a opressão do poder hegemônico instituído.

Análise à luz dos conceitos Memória e Corpo-território:

**“O pastoril faz parte da nossa cultura”**

**“Vamos queimar a lapinha!**

**Tragam folhas e incenso**

**Daremos as boas vindas**

**Ao carnaval e ao Novo Tempo”**

Nessa ocasião, a memória e o corpo-território aparecem a partir da tradição de uma brincadeira coletiva, o pastoril, folguedo popular do Nordeste, que é marcante na memória do Arruado, pois marcava o tempo da comunidade, o fechamento e a abertura dos anos se davam nessa brincadeira coletiva, que envolviam os corpos na música, dança, confecção de fantasias e a tradição do cortejo pela Várzea. Todo mês de outubro era montado um palco na comunidade, onde ensaiavam para o Dia de Reis caminhar até a Matriz da Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde queimavam a lapinha, feita artesanalmente com plantas locais. A memória da tradição aqui, move os corpos pela biointeração com o território, memória e coletividade. O Pastoril permanece vivo no território da Várzea através das novas gerações no Grupo Cultural do Espaço Beta.

- **Arruado do Engenho Velho: Memórias e Saberes. Catálogo de Referências Culturais.**

Projeto aprovado pelo EDITAL 2022-07 - PIBEXC DE APOIO FINANCEIRO A PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO.

Em 2022, um grupo de professoras e estudantes do curso de design e pedagogia, resolveu desenvolver um catálogo digital que apresentasse o rico patrimônio cultural da comunidade do Arruado a partir do protagonismo de quatro matriarcas do território. O projeto, com a intenção de ser um instrumento das memórias dos moradores e moradoras da comunidade, foi desenvolvido a partir de sucessivas visitas de campo à comunidade feitas por mim, que participei da escrita do catálogo, com o fotógrafo, Victor Inojosa. As visitas possibilitaram o movimento imersivo na comunidade, onde pudemos não só realizar entrevistas da História Oral, como também criar vínculo afetivo, de convívio e amizade, o que nos legou muito mais que um catálogo, mas relações sinceras e o acolhimento da comunidade com toda sua abundância, de modo que todo trabalho de pesquisa e escrita esteve vinculado a uma ação de militância socioambiental na comunidade.

Análise do Catálogo à luz dos conceitos de educação socioambiental, militância socioambiental e memória e corpo-território:

**“A esperança de reconhecimento da UFPE em considerar o Arruado como um território de aprendizado - educação e cultura. A fala do importante e falecido líder comunitário, o Mauricio Peixoto, reafirmando o Arruado enquanto um lugar de aprendizagem, convidando a comunidade acadêmica ao reconhecimento.” p. 08**

Maurício Peixoto foi um importante ativista da comunidade, nascido no Arruado, era um insurgente e incentivador da organização comunitária e defensor do diálogo e reconhecimento da Universidade do território enquanto um lugar de aprendizagem. Este presente trabalho segue as orientações e desejo do ancião, que plantou a semente e hoje podemos ver florescer sua intenção na aprendizagem de quem entrou pelo portal.

**“Eu nasci aqui.”**

**“O Arruado do Engenho Velho é o lugar de pertencimento de famílias que há gerações constroem e conservam o território, com toda sua biodiversidade em fauna, flora e memórias.”**

A comunidade é formada por quatro famílias que se cruzam em parentesco, formando uma árvore genealógica que se cruza em diferentes tempos e gerações nascidas no Arruado. O catálogo, baseado na narrativa de quatro matriarcas, representantes das famílias que compõem a comunidade, apresenta as árvores genealógicas das mesmas, de maneira resumida, mas que revela a relação direta entre as gerações e o território. A imagem de fundo das árvores genealógicas são de árvores simbólicas para cada mulher, pois cada espécie da fauna e flora atravessa a relação de pertencimento e identidade do território.

A Mangueira de Marly foi sua tia-mãe que plantou em frente a sua casa. É a sombra que acolhe muitos encontros e alegria. O Pé de Jenipapo de Dona Elizabeth, que produz um licor da tradição da sua família, pois ela segue preparando-o assim como sua avó Epifânia. O Pé de Tamarindo de Dona Angelina, carinhosamente chamada de Nininha, tem sua companhia no dia a dia também, assim como o Pé de Azeitona Roxa da Dona Luiza, que estabelecem um vínculo de uma vida fundida ao seu território, a sua paisagem vegetal.

**“Vínculo não só afetivo, como funcional com o território.”**

Os atravessamentos interespecies aparecem de diferentes formas, como na confecção da vassoura de botão, feita por uma das matriarcas, Dona Luiza, que colhe a planta de botão, também usada para fins medicinais, que põe a planta para secar e confecciona a vassoura que varre seu terreiro. Essa prática foi parada pelas sucessivas podas da Universidade, a planta confundida com mato, é sempre cortada e Dona Luiza já idosa, não tem feito mais. Durante o projeto, deveria ter sido marcada uma oficina da Vassoura de botão, para Dona Luiza ensinar as novas gerações e aos demais presentes como fabricar a vassoura artesanal, pois teria sido uma vivência especial de fortalecimento da memória e da relação com a biodiversidade local. Ações como essa configuram uma educação socioambiental de território.

Ao longo do Catálogo, pode-se ver como as referências culturais da comunidade são marcadas pela biodiversidade dos quintais, Nego Bispo (2023) nos inspira sobre as memórias e modos de viver quilombolas do roçado, o que se assemelha muito a realidade do Arruado, onde **“o quintal é lugar de muitas memórias”**. Bispo fala (2023, p. 37):

“Qual é a parte mais necessária de uma casa no quilombo? É o quintal. Na verdade, são várias; a cozinha é necessária também, todo mundo chega pela cozinha. Mas o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações. Na casa da minha filha, por exemplo, há espaço para fazer a casa do filho dela. Nossas casas são pensadas com espaço para fazer outras casas”.

As narrativas quilombola de Bispo dialogam com a narrativa de **“Elisabete Souza Oliveira, que narra a memória de seus avós plantando nas terras em que hoje é seu jardim, seu quintal com espécies frutíferas e medicinais, que são parte salutar de sua vida e de sua identidade, dando continuidade às relações e tradições com seu território, presentes em modos, saberes e fazeres ancestrais.”** Essa relação é expressa através de práticas e memórias da relação intrínseca da ancestralidade com o corpo-território, o catálogo traz diferentes receitas marcantes na memória local, como a **“receita secular do licor de Jenipapo, é repetido por Dona Bete com a memória ancestral dos mesmos gestos da avó, quase como um ritual, preservam as relações da linhagem com seu território.”** E outras receitas, como a papa de coco da tia Creuza, registrada como memória de Marly no catálogo e o Lambedor de Jenipapo de Dona Betânia.

A relação cozinha – quintal é base da saúde e cultura alimentar local, conectando diferentes gerações e conservando os saberes, fazeres e a presença de diferentes espécies de fruteiras e plantas alimentícias, como: **“Dentro dos saberes e tradições da família da Sra. Bete, revela-se o Licor de Jenipapo. Atemporal, passado e presente em ritos que se repetem sob o mesmo sol e brotam da mesma seiva: o jenipapo. Árvore sagrada, nativa nessas terras, atravessa gerações e marca o sabor e saberes do Arruado.”**

**“A relação entre quintal e cozinha é marcante de sua identidade. A respeito disso, ela diz que sua satisfação está em cuidar das plantas e que é com elas e os saberes adquiridos em gerações, que produz os remédios e alimentos nos cuidados de seus familiares, como o Lambedor do coração de banana e de jenipapo, aprendidos com sua mãe e que é muito procurado e utilizado até hoje para cura de gripes e resfriados.”**

As semelhanças das narrativas do Arruado ainda se assemelha com as traduções de Nego Bispo sobre os quilombos em que a **“casa é menor que seu quintal, revela a importância que a área verde tem para sua identidade, sempre vai ao seu quintal colher frutas e recorda o tempo de cultivo, em que plantava milho, batata, amendoim, feijão, macaxeira. Mas lamenta que hoje não tenha um roçado como outrora e rememora os muitos moradores, sítios, que foram reduzidos ao que hoje é o Arruado, desde a chegada da Universidade.”** E são esses quintais e espaços que também vão se tornando o espaço de moradia das novas gerações das famílias.

Marly, ativista da comunidade, é protagonista nas ações do Memorial Arruado. **“A mangueira localizada logo à frente de sua casa, foi plantada por sua tia, muitos cafés, bolos, reuniões e fogueiras se dão embaixo da árvore, é um lugar afetivo de muitas moradoras e amigas da Comunidade.”** Grande incentivadora da organização e militância comunitária, **“Marly, com sua força acolhedora e de luta, abriga em sua casa muitos encontros da comunidade, em específico do movimento do Memorial Arruado.”** Sua defesa do território com toda sua biodiversidade, pois é parte inerente de sua identidade e história, como revela: **“Minha infância foi muito boa aqui, brincando na rua, subindo em árvores, comendo as frutas: manga, tamarindo, caju, azeitona roxa, cajá, banana, coco, tamarindo, carambola, ingá, entre outras frutas. Brincando de amarelinha. Eu gosto da Papa de Coco porque me traz Tia Creuza à memória. Ela sempre fazia de manhãzinha ou de tardezinha para a gente. O coco era colhido aqui mesmo, mas ela sempre tinha um ou dois na fruteira.”**

Marly celebra: **“Eu sou muito abençoada de morar aqui e poder criar meus filhos com o pé na terra.”**

A militância socioambiental surge como intencionalidade dos projetos analisados e do presente TCC pois enquanto território fundante na minha formação, faz-se necessário **“Investigar, registrar e compartilhar as memórias a partir das mulheres guardiãs, entre as anciãs e as jovens, é fomentar processos de representações sociais e culturais às gerações descendentes, é conectar os fios de memória que constituem a identidade das famílias e do lugar. É a expansão da historiografia à oralidade da cultura popular, é a justiça social através da memória, dos que foram, dos que são e pelos que vêm.”** Pois, **“registrar, dialogar e valorizar suas memórias e tradições é serviço de salvaguarda da diversidade cultural e patrimonial do lugar”**. p. 16

As produção enquanto **“Instrumento das memórias dos moradores e moradoras”**, é também um instrumento de denúncia, de luta e proteção da memória e do território. A luta, os saberes e sabores do lugar são fundamentais em seu fortalecimento contra toda forma de violência. **“Marly, que traz muitas belezas em suas memórias, mas também denúncias do racismo sofrido, manifesto de diversas formas, desde aqueles que recaem sobre si, acentuado pelos machismos, como também o racismo ambiental que vem construindo a história do Arruado.”**

Necessário tecer críticas também, de modo a provocar novas criações, pois apesar dos materiais terem a intencionalidade de ser um instrumento da memória, as pessoas não apresentam o hábito da leitura, inclusive muitas são analfabetas na comunidade. De modo que se faz necessário pensar instrumentos que sejam acessíveis e atrativos à comunidade, que atendam a sua realidade. O documento no formato em que está apresenta grande valor, mas mais funcional na luta pelo reconhecimento da academia, pois defende a **comunidade como um lugar de memória e aprendizagem**.

**“Os ferros e o lampião, utilizados por ela ao longo de sua jornada de vida, ainda encontram-se no Arruado, guardados como objetos museológicos da comunidade.”**

p. 16 Dona Luiza é uma anciã do território e que doou seus ferros de passar para o Memorial Arruado.

**“O benzimento é um dom das tradições ancestrais, conhecimento passado de geração a geração sobre rezas, ervas e outros saberes que diagnosticam e tratam enfermidades.”** p. 15. Tradição infelizmente extinta no território, Dona Maria Ramos passou para sua filha, mas não deu-se continuidade as rezas e benzimentos na comunidade, pois sua casa era um lugar onde as pessoas iam buscar a cura e a melhora de seus males, de criança a idoso era rezado por Dona Maria Ramos.

### 2.3. Sistematizar contribuições do ativismo socioambiental do Arruado do Engenho Velho para os currículos de formação docente.

A memória na educação e a educação pela memória são fundamentos essenciais para o fortalecimento do pertencimento, da identidade e da relação corpo-território. A aprendizagem com comunidades tradicionais, como o Arruado do Engenho Velho, ensina a viver bem em uma perspectiva contra-colonial, reconhecendo a diversidade cultural e a

pluralidade da vida como elementos centrais na construção de um mundo mais justo. A memória do roçado e a relação com a terra revelam saberes ancestrais que atravessam gerações, resgatando histórias e invocando a presença dos que vieram antes de nós. Esse movimento exige menos moldes e mais invenção, desafiando estruturas fixas e criando novas possibilidades de existência. Em meio às crises que enfrentamos, olhar para essas experiências se torna essencial.

No campo da educação, Paulo Freire (2021) apresenta a leitura de mundo como ferramenta de construção da justiça socioambiental, enquanto bell hooks (2021) propõe uma pedagogia engajada e criativa, capaz de fortalecer processos de ensino transformadores. Nego Bispo (2023), ao propor o caminho da roça e o envolvimento como alternativa ao desenvolvimento, aponta para a valorização da ancestralidade e das formas de conhecimento que emergem dos territórios. A educadora, nesse contexto, assume papel fundamental na promoção da sociobiodiversidade, mobilizando práticas educativas conectadas à realidade dos territórios e garantindo dignidade aos povos historicamente subalternizados.

A militância socioambiental do Arruado do Engenho Velho revela-se como força formativa e política, mesmo que não institucionalizada. A luta pela água, pela preservação da biodiversidade e pela memória territorial mobiliza a comunidade em ações que articulam saberes populares, história oral e ecologia política. A frase “água é vida”, repetida nos encontros comunitários, sintetiza a urgência da mobilização diante da precarização dos serviços públicos e da ameaça aos bens comuns.

A cosmofofia, conceito elaborado por Nego Bispo, denuncia a desconexão promovida pelo modelo desenvolvimentista, que afasta os sujeitos da originalidade e da biointeração com os ciclos ecológicos. A mercantilização da terra e dos recursos naturais, impulsionada pelo capitalismo, transforma o bem-estar das populações e o equilíbrio ecológico em objetos de disputa. Essa lógica impacta de forma mais feroz as comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, vítimas do racismo estrutural e da violência ambiental.

Ailton Krenak (2022), ao propor a florestania como paradigma de cidadania ecológica, convida à reconversão do tecido urbano em tecido natural, trazendo a natureza para o centro da vida. O capitaloceno, conceito que especifica a responsabilidade do capitalismo sobre os danos do antropoceno, reforça a necessidade de práticas pedagógicas que articulem educação, território e biodiversidade.

Mobilizada pelas cosmovisões ameríndias e contra-coloniais, a formação docente atravessada pelo território do Arruado do Engenho Velho revela-se como espaço de aprendizagem socioambiental. A participação em projetos de extensão e o vínculo comunitário oportunizaram momentos formativos que integram a análise documental deste trabalho. A partir dessas experiências, sistematizam-se as contribuições do ativismo socioambiental do Arruado para os currículos de formação docente:

- Valorização da memória como tecnologia ancestral de ensino;
- Reconhecimento do corpo-território como espaço de disputa e identidade;
- Integração entre saberes tradicionais e práticas pedagógicas;
- Formação crítica e engajada com os conflitos socioambientais;
- Promoção da justiça social e ambiental como eixo curricular;

- Fortalecimento da educação não formal como espaço legítimo de formação;
- Articulação entre universidade e comunidade como prática de reparação histórica.

Essas contribuições apontam para a necessidade de currículos que reconheçam os territórios como espaços de produção de conhecimento, resistência e cuidado com a vida. A educação socioambiental, nesse sentido, é uma pedagogia da escuta, da memória e da luta, que se constrói a partir dos vínculos afetivos e políticos com os territórios e suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

Silva Júnior, L. S. . O Caminho da Várzea do Capibaribe: O Engenho do Meio e sua paisagem arqueológica, Recife, PE. In: Cláudia Oliveira; Neuvânia C Gueth; Scott Allen. (Org.). **ARQUEOLOGIA DE ENGENHOS: Paisagens e pessoas**. 1ed.Recife: Editora UFPE, 2017, v. 1, p. 127-161.

Krenak, Ailton. **Futuro Ancestral** - 1ª ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Bispo dos Santos, Antônio **A terra dá, a terra quer**. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: MEDIAFashion. Folha de S. Paulo, Coleção Folha O Pensadores; v. 3. 2021, 208 p.

Backes, Paulo. **Mata Atlântica: as árvores e a paisagem**. Paulo Backes, Bruno Irgang (org.). 1ª edição – Porto Alegre, Paisagem do Sul, 2004, 346 p.

Pequeno, M. A. P. (2016). Breves considerações filosóficas acerca da relação arte-educação ambiental. *Cartema*, 4(4), 11–24.

Leff, Enrique. Ecologia Política: uma perspectiva latino-americana. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 27, p. 11-20, jan./jun. 2013. Editora UFPR. Disponível em: [Ecologia-Politica-uma-perspectiva-latino-americana.pdf](#). Acesso em: jun/2025.

Jensen, Karl. *Enfrentamento*. Goiânia: ano 19, N. 30. Jan. - Dez. 2024. ISSN: 1983-1684

Torres, Vivian, Sanches. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 689-713, set/dez 2019 <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4601>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.